

Iniciativa faz parte da nova postura do papa e da revisão da Igreja sobre configurações da família. A despeito da resistência inicial, comunidade cresce e arrebanha fiéis afastados

**EM.COM.BR**



Quando ouviu de um padre, durante a missa, que homossexualidade era condenada por Deus e que “gente assim” não deveria frequentar a igreja, a professora Isabella T., de 29 anos, jamais imaginaria que, anos mais tarde, não só poderia voltar a se declarar católica praticante, como teria um espaço específico para acolher fiéis na mesma situação. Casada com outra mulher, ela integra a Pastoral da Diversidade Sexual do Santuário São Judas Tadeu, em Belo Horizonte, primeira a ser registrada oficialmente na arquidiocese da capital com o foco em acolhimento de gays, lésbicas, transexuais, transgêneros e suas famílias como parte da comunidade da Igreja Católica. O grupo funciona como qualquer outra pastoral de igreja, como a da Família, dos Casais ou dos Jovens. Eles se encontram a cada 15 dias na sala multimídia da paróquia, debatem temas relativos a família e acolhimento, rezam e têm inclusive uma missa para organizar, no terceiro domingo de cada mês. Tudo é acompanhado pelo padre Marcus Aurélio Mareano e pela irmã Maria do Socorro, designados como

assessores da pastoral.

As reuniões para criar de fato a comunidade da diversidade dentro da São Judas Tadeu começaram em agosto do ano passado, com apenas quatro pessoas. Hoje, segundo a igreja, já são mais de 70 frequentares. Depois da 5ª Assembleia do Povo de Deus, que refletiu a realidade concreta das famílias e afirmou a perspectiva de acolhida das suas diversas configurações, o padre Marcus propôs a criação da pastoral, que foi de imediato abraçada pelo reitor do santuário, padre Aureo Nogueira de Freitas. É ele quem afirma: “É hoje uma das mais vivas”.

O objetivo do grupo, segundo o padre Áureo, é acabar com qualquer preconceito dentro da Igreja. Vale lembrar que durante muito tempo as mães solteiras e os casais de segunda união também eram apontados como diferentes na Igreja Católica, sendo proibidos até mesmo de comungar. Os tempos e os costumes mudaram, e a abertura para os gays começou com uma entrevista do papa Francisco, em 2013, quando em um avião declarou: “Se uma pessoa é gay, busca a Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”. Já no ano passado, o sumo pontífice disse que a Igreja deveria pedir perdão aos homossexuais pela forma com que os tratou no passado. “Eles devem ser respeitados, acompanhados pastoralmente”, pregou. OPOSIÇÃO Assim como a nova postura do papa, a Pastoral da Diversidade Sexual causou reações na Igreja. Chegou a constar como “denúncia” em um site internacional católico. Apesar disso, os resultados do grupo são sensíveis. “Tenho visto famílias voltando para a Igreja, se reconciliando, e para ver o fruto desse trabalho vale a pena toda crítica e todo desentendimento”, avalia padre Aureo.

O reitor diz que a convicção da importância de um grupo como esse veio dos 23 anos de experiência como padre. “Acompanhei na confissão e nos atendimentos muito sofrimento por parte de famílias ou pessoas que são assim, e isso me incomoda muito, porque acho desnecessário o que se impõe sobre essas pessoas. Em vez de se libertar para o amor, elas oprimem. Quantas vezes vi gente querer se suicidar por causa disso, vi pais que não aceitam filhos... Desconhecer essa realidade é muito desumano”, relata. Por pressão social e religiosa, segundo o reitor da igreja, muitos casais que não deveriam ter se casado assumiram um matrimônio e outros tantos vivem na clandestinidade.

Não é o caso de Isabella, que prefere não dizer o nome da esposa porque, ao contrário do que vive hoje na igreja, a parceira ainda está sujeita ao preconceito em ambientes como o de trabalho. As duas se casaram em uma cerimônia espiritualista em 2014, fora da Igreja. Ela chegou à pastoral a convite de uma amiga e acabou levando a mãe junto. “A pastoral trouxe um empoderamento tanto para mim, dentro da Igreja, quanto para minha mãe. Vejo que a conversa com outros pais ajuda, até para ela contar nossa história, porque ela sabe que está ajudando outras pessoas”, diz.

O começo não foi fácil. Nem para Isabella nem para a mãe, a aposentada Janimar Magalhães. Aos 18 anos a filha descobriu sua preferência pelo mesmo sexo e contou para a mãe. A relação das duas ficou abalada. “Passei oito anos chorando sozinha todos os dias. Na época não tinha esse respaldo da igreja, o que causou muito sofrimento, porque lá tinha ainda mais medo de falar”, diz. No caminho para o entendimento, ela chegou a mandar a filha para uma psicóloga, na tentativa de ajudá-la a se compreender e amenizar o sofrimento. “Não dava conta de encarar e minha intenção era que o terapeuta desse esse apoio que eu não estava dando”, diz.

Passada a fase do preconceito, Isabella voltou a ser motivo de orgulho para a mãe. “É uma pessoa generosa, carinhosa, muito íntegra e ética. Se tivesse que ter outra Isabella, gostaria que fosse exatamente igual.” Janimar considera o trabalho na Pastoral da Diversidade Sexual fantástico e inovador. “Se eu tivesse esse acolhimento na época, não teria sofrido tanto”, diz. O conflito íntimo era tamanho, conta a mãe, que ela deixou de colocar um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora no altar do casamento da filha, por medo de “blasfemar contra a Igreja”. Isso ocorreu três anos antes de ela entrar para a pastoral da São Judas. “Não sei se hoje eu teria permissão para colocar a imagem, mas sei que se tivesse de convidar um padre, pelo menos para assistir, tenho certeza de que ele iria e me sentiria acolhida”, comemora Janimar.

“Tenho visto famílias voltando para a Igreja, e para ver o fruto desse trabalho vale a pena toda crítica e desentendimento”

*Aureo Nogueira de Freitas, padre e reitor do santuário*